

Informe FUP

17.05.2011

Eleições no Sindipetro-SE/AL começam nesta terça: FUP apóia a Chapa 2

No Sindipetro-NF, processo eleitoral segue até o dia 31 de maio, com apoio da FUP à Chapa 1

Os trabalhadores sindicalizados ao Sindipetro Sergipe/Alagoas iniciam nesta terça-feira, 17, o processo eleitoral para escolha da nova direção do sindicato. A FUP a Chapa 2, de oposição, que defende a unidade nacional e o fortalecimento da organização petroleira através da Federação. A votação prossegue até o dia 19 e a FUP conclama todos os trabalhadores sindicalizados a participarem do pleito e a somarem-se ao movimento nacional de reconstrução da unidade da categoria, que desde o ano passado tem mobilizado os petroleiros nas eleições sindicais.

No Maranhão, os trabalhadores deram um basta ao divisionismo e criaram um sindicato autônomo para defender de fato os interesses da categoria. No Rio Grande do Sul, a fragmentação era tamanha que a direção do sindicato rachou, fragilizando, ainda mais, as lutas dos trabalhadores. A categoria se posicionou e votou pela volta à FUP e pela reconstrução da unidade nacional.

A vontade soberana dos petroleiros tem apontado nas urnas que a unidade deve ser reconstruída e a Federação fortalecida. As chapas apoiadas pela FUP venceram em sete dos nove sindicatos que realizaram eleições: RS, PR/SC, ES, MG, CE, PE/PB e AM. No Sindipetro-NF, que está em processo eleitoral desde o dia 11, a FUP apóia a Chapa 1 – Unidade e Luta.

Vamos juntos em frente, reconstruir a unidade nacional petroleira e fortalecer a nossa Federação para garantirmos novas conquistas. A fragmentação enfraquece os trabalhadores e, portanto, interessa aos patrões.

Vote Chapa 2 no Sindipetro-SE/AL e vote Chapa 1, no Sindipetro-NF!

FUP discutirá SMS com o Ministério do Meio Ambiente

A FUP participa nesta quarta-feira, 18, de uma reunião com representantes do Ministério do Meio Ambiente, em Brasília, para discutir a necessidade de uma política efetiva de segurança na indústria de petróleo. A Federação ressaltará que as condições de trabalho no setor estão proporcionalmente relacionadas aos riscos de acidentes e seus reflexos ambientais. A FUP apresentará ao Ministério os principais embates dos petroleiros com o Sistema Petrobrás e as demais empresas de petróleo para garantir condições seguras de trabalho e, conseqüentemente, reduzir os riscos de acidentes e suas implicações no meio ambiente.

FUP e sindicatos repudiam nomeação de Reichstul para conselheiro do Governo

Os trabalhadores brasileiros e os petroleiros, em especial, foram surpreendidos com a nomeação do ex-presidente da Petrobrás, Henri Philippe Reichstul, para a questionável Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade, instalada pelo governo no último dia 11. Reichstul, que de tudo fez para tentar privatizar a Petrobrás no governo FHC, está de volta ao Palácio do Planalto para aplicar seus conceitos neoliberais em consultorias à presidenta Dilma Rousseff sobre como controlar e cortar gastos públicos. O ex-presidente da Petrobrás, o mesmo que tentou mudar o nome da empresa para Petrobrax, faz parte do seleto grupo de empresários que integram a Câmara de Gestão criada pelo governo. Ao lado dele estão figuras do porte de Jorge Gerdau, Abílio Diniz e Antônio Maciel Neto, cobras criadas do neoliberalismo e fãs confessos da privatária. Sem qualquer tipo de respaldo institucional, eles foram transformados, sabe lá por quem, em “iluminados” para orientar a presidenta sobre como gerir com eficiência os recursos públicos.

Seria cômico, se não fosse trágico. A quem interessa a presença de Henri Reichstul como “conselheiro” da presidenta? Em sua gestão na Petrobrás, ele conseguiu em tempo recorde aplicar com competência o receituário demo-tucano de sucateamento de estatais para privatização. Entre 1999 e 2001, sua gestão provocou a morte de 76 petroleiros em acidentes de trabalho e 29 grandes acidentes ambientais, entre eles os vazamentos na Baía de Guanabara e no Paraná. Foram pelos menos 7,2 milhões de litros de óleo jogados ao mar e nos rios, manchando internacionalmente a imagem da Petrobrás, na tentativa de difundir na sociedade a necessidade de sua privatização. O afundamento da P-36, com a morte de 11 trabalhadores, e a encomenda da nova marca da empresa, que ao apagar das luzes do ano 2000, quase virou Petrobrax, foram outros dois episódios que marcaram a administração Reichstul.

Somam-se a estes fatos a fragmentação da Petrobrás em 40 unidades autônomas de negócio, a troca de ativos com a Repsol/YPF que entregou à multinacional 30% da Refap e vários campos de petróleo, a tentativa de privatização de outras refinarias (como a Replan e a Reduc, que já estavam na linha de corte do governo FHC), os estudos para a venda das FAFENs e inúmeros ataques aos direitos dos trabalhadores. Os petroleiros enfrentaram na gestão Reichstul o congelamento de salários e propostas indecorosas de “compra” do extra turno e de extinção do regime 14 x 21, sem falar na farta distribuição de (sur)bônus para os executivos, gerentes e demais cargos de confiança.

Henri Reichstul, que nasceu francês e teve que alterar o estatuto da Petrobrás para poder ser o primeiro presidente estrangeiro da empresa, só não privatizou a estatal porque os trabalhadores, organizados nacionalmente pela FUP, resistiram com muita mobilização. É, portanto, indecoroso, que um governo eleito pelos trabalhadores coloque na ante-sala da presidenta uma pessoa que tantos prejuízos causou a empresa que hoje é o passaporte do país para a soberania e o desenvolvimento. Se Reichstul ainda fosse o presidente da Petrobrás, o PAC não existiria, pois ele jamais concordaria em investir no fortalecimento do Estado e em projetos de desenvolvimento nacional. O pré-sal, então, já estaria entregue às multinacionais há muito tempo. A FUP e seus sindicatos, portanto, repudiam veemente a participação de Henri Reichstul em um órgão de aconselhamento presidencial, assim como reivindicam uma discussão pública urgente sobre a própria legitimidade desta Câmara de Gestão.

Direção Colegiada da FUP